

Tradução do russo de CN, 05.05.2010 (edição provisória)

História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)

Breve curso

Sob redacção da comissão do CC do PCU(b)

Aprovado pelo CC do PCU(b)

1938

Capítulo XII

O partido bolchevique na luta pela conclusão da construção da sociedade socialista e pela aprovação da nova Constituição. (1935-1937)

1. A situação internacional entre 1935 e 1937. O abrandamento temporário da crise económica. O início da nova crise económica. A ocupação da Abissínia pela Itália. A intervenção germano-italiana em Espanha. A invasão da China central pelos japoneses. O início da segunda guerra imperialista.

A crise económica, que começou nos países capitalistas no segundo semestre de 1929, durou até finais de 1933, altura em que a queda da indústria foi travada, seguindo-se um período de estagnação e depois de uma certa reanimação, de uma certa retoma industrial. Mas esta retoma não era de forma a anunciar um florescimento da indústria numa nova base superior. A indústria capitalista mundial continuava aquém do nível de 1929, tendo atingido até meados de 1937 apenas 95 a 96 por cento daquele nível. E logo no segundo semestre de 1937 iniciou-se uma nova crise económica, que afectou sobretudo os Estados Unidos. Em finais de 1937, o número de desempregados nos Estados Unidos voltou a subir para dez milhões de pessoas e aumentava também rapidamente na Inglaterra.

Deste modo, ainda não refeitos dos golpes da crise anterior, os países capitalistas confrontaram-se com uma nova crise económica.

Esta circunstância agravou ainda mais as contradições tanto inter-imperialistas como entre a burguesia e o proletariado. Os estados agressores intensificaram as tentativas de compensar os prejuízos internos provocados pela crise económica à custa dos países fracos. E aos dois estados agressores conhecidos, a Alemanha e o Japão, juntou-se um terceiro Estado – a Itália.

Em 1935, a Itália fascista atacou e subjuguou a Abissínia.¹ A agressão foi levada a cabo sem qualquer fundamento ou pretexto do ponto de vista do «direito internacional», sem declaração de guerra, furtivamente, como agora se tornou moda entre os fascistas. Este golpe visou não apenas a Abissínia, mas foi também dirigido contra a Inglaterra, contra as suas rotas marítimas entre a Europa e a Índia, na Ásia. As tentativas da Inglaterra para impedir que a Itália se apoderasse da Abissínia não deram resultado. Para ter as mãos livres, a Itália saiu mais tarde da Liga das Nações e começou a armar-se intensivamente.

Deste modo formou-se um novo foco de guerra nas rotas marítimas mais curtas entre a Europa e a Ásia.

¹ A Abissínia é a designação antiga da Etiópia. (N. do T.)

A Alemanha fascista rompeu unilateralmente o tratado de paz de Versalhes e resolveu realizar o seu plano de revisão *pela força* das fronteiras dos estados europeus. Os fascistas alemães não esconderam o seu objectivo de submeter os estados vizinhos ao seu império ou, pelo menos, ocupar os seus territórios habitados por alemães. Este plano definiu: primeiro, a ocupação da Áustria, depois o golpe contra a Checoslováquia, seguir-se-á provavelmente a Polónia, onde também existe um território com população alemã que faz fronteira com a Alemanha, depois... depois «se verá».

No Verão de 1936 iniciou-se a intervenção militar da Alemanha e da Itália contra a República Espanhola. A pretexto da ajuda aos fascistas espanhóis, a Itália e a Alemanha desembarcaram pela calada as suas unidades militares em território espanhol e na retaguarda da França, fundeando as suas esquadras em águas espanholas, na zona das ilhas Baleares e em Gibraltar (Sul), no Oceano Atlântico (Oeste) e na do Golfo de Biscaia (Norte). Em começos de 1938, os fascistas alemães ocuparam a Áustria, penetrando na região central do Danúbio e estendendo-se pelo Sul da Europa, aproximando-se do Mar Adriático.

Desencadeando a intervenção contra a Espanha, os fascistas germano-italianos garantiram ao mundo que estavam a lutar contra os «vermelhos» espanhóis e não perseguiram quaisquer outros objectivos. Mas isto era uma camuflagem grosseira e pouco inteligente destinada a iludir os tolos. Na realidade o golpe visou a Inglaterra e a França, uma vez que permitiu aos fascistas interceptar as rotas marítimas destes países de ligação com as suas enormes possessões coloniais na África e na Ásia.

No que respeita à anexação da Áustria era impossível encaixá-la na luta contra o Tratado de Versalhes, no âmbito da defesa dos interesses «nacionais» de uma Alemanha que aspirava a territórios perdidos na sequência da primeira guerra imperialista. A Áustria não fazia parte da Alemanha, nem antes nem depois da guerra. A integração da Áustria na Alemanha *pela força* representa uma grosseira anexação imperialista de um território alheio, que revela, inquestionavelmente, o desejo da Alemanha fascista de obter uma posição dominante no Ocidente da Europa continental.

Este golpe atingiu, antes de mais, os interesses da França e da Inglaterra.

Surgiram assim novos focos de guerra no Sul da Europa, na zona da Áustria e do Adriático, bem como no seu extremo ocidental, na zona da Espanha e nas águas que a banham.

Em 1937, os militaristas fascistas japoneses tomaram Pequim, invadiram a China central e ocuparam Xangai. A invasão da China central pelas tropas japonesas decorreu de forma idêntica à da Manchúria alguns anos antes, isto é, segundo o método japonês, furtivamente, mediante pretextos falaciosos de «incidentes locais» provocados por eles próprios, violando de facto todas as «normas internacionais», tratados, convénios, etc.

A ocupação de Tientsin e de Xangai colocou nas mãos dos japoneses a chave do comércio com a China, o seu imenso mercado. Isto significa que o Japão, enquanto tiver nas mãos Xangai e Tientsin, poderá a qualquer momento desalojar da China central a Inglaterra e os Estados Unidos, que possuem ali investimentos colossais.

Naturalmente que a luta heróica do povo chinês e do seu exército contra os invasores japoneses, o vasto levantamento nacional na China, as colossais reservas humanas e territoriais deste país e, finalmente, a determinação do governo nacional chinês de conduzir a luta de libertação até ao fim, até à expulsão completa dos invasores para além das suas fronteiras – tudo isto significa incontestavelmente que os imperialistas japoneses não têm nem podem ter futuro na China.

Mas é igualmente verdade que, enquanto continuar a ter nas suas mãos a chave do comércio com a China, esta guerra do Japão constitui, na sua essência, um golpe muito sério contra os interesses da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Deste modo, no Oceano Pacífico, na zona da China, formou-se mais um foco de guerra.

Todos estes factos mostram que a segunda guerra imperialista já começou de facto. Começou pela calada, sem declaração de guerra. Os estados e os povos deslizaram de forma quase imperceptível para a órbita da segunda guerra imperialista. A guerra foi desencadeada em diversos pontos do mundo por três estados agressores – os círculos fascistas governantes da Alemanha, Itália e Japão. A guerra estende-se por um imenso território, desde Gibraltar até Xangai. A sua

órbita já envolve uma população de mais de 500 milhões de pessoas. Em última análise, ela é dirigida contra os interesses capitalistas da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, uma vez que a sua finalidade é uma nova partilha do mundo por zonas de influência em proveito dos países agressores e à custa dos chamados estados democráticos.

O traço característico da segunda guerra imperialista consiste em que, neste momento, ela é conduzida e fomentada pelas potências agressivas, ao mesmo tempo que as outras potências, as potências «democráticas», contra as quais é dirigida, fingem que a guerra não lhes diz respeito, lavam as mãos, recuam, exaltam o seu apego à paz, invectivam os agressores fascistas e... cedem pouco a pouco as suas posições, garantindo no entanto que se preparam para retaliar.

Como vemos, esta guerra tem um carácter bastante estranho e unilateral. Mas isso não a torna menos cruel, nem menos brutal o seu expansionismo feito a expensas dos povos mal defendidos da Abissínia, Espanha e China.

Mas seria errado explicar este carácter unilateral da guerra pela fraqueza militar ou económica dos estados «democráticos». É evidente que os estados «democráticos» são mais fortes que os estados fascistas. O carácter unilateral da guerra mundial em curso explica-se pela ausência de uma frente única de estados «democráticos» contra as potências fascistas. É certo que os chamados estados «democráticos» não aprovam o «extremismo» dos estados fascistas e temem que estes se fortaleçam. Mas temem ainda mais o movimento operário na Europa e o movimento de libertação nacional na Ásia, e vêem o fascismo como um «bom antídoto» contra todos estes movimentos «perigosos». Por isso os círculos dirigentes dos estados «democráticos» – muito especialmente os círculos dirigentes conservadores da Inglaterra – limitam-se a uma política de persuasão dos caudilhos fascistas mais desenfreados para que «não levem as coisas ao extremo», dando-lhes a entender ao mesmo tempo que «compreendem inteiramente» e simpatizam no essencial com a sua política reaccionária e policial contra o movimento operário e de libertação nacional. Os círculos dirigentes da Inglaterra seguem mais ou menos a mesma política que os burgueses monárquico-liberais sob o tsarismo, os quais, temendo o «extremismo» da política tsarista, temiam ainda mais o povo, tendo por isso seguido uma política de persuasão do tsar, consequentemente, uma política de *conluio* com o tsar contra o povo. Como é sabido, a burguesia monárquico-liberal russa pagou cruelmente esta política dupla. Tudo leva a crer que os círculos dirigentes de Inglaterra e os seus amigos em França e nos Estados Unidos também terão o castigo da história.

Naturalmente que, face a uma tal viragem nos assuntos internacionais, a URSS não podia ignorar acontecimentos tão ameaçadores. Se qualquer guerra, mesmo pequena, desencadeada pelos agressores representa um perigo para os países amantes da paz, a segunda guerra imperialista, que se acercou dos povos de forma tão «imperceptível» abrangendo uma população de mais de 500 milhões de pessoas, muito menos poderia não constituir uma seriíssima ameaça para todos os povos e, em primeiro lugar, para a URSS. É disto um testemunho eloquente a criação do «bloco anticomunista» pela Alemanha, Itália e Japão. Por isso o nosso país, embora persistindo na sua política de paz, continuou a reforçar a capacidade defensiva das suas fronteiras e a preparação militar do Exército Vermelho e da Marinha Vermelha. Em finais de 1934, a URSS entrou para a Liga das Nações, considerando que, apesar da sua debilidade, este organismo podia servir de tribuna para desmascarar os agressores e de instrumento de paz, embora débil, para travar a eclosão da guerra. Num período como este, a URSS considerou que não se devia desdenhar de uma organização internacional, mesmo que fosse tão débil como a Liga das Nações. Em Maio de 1935 foi assinado um tratado de assistência mútua entre a França e a URSS contra um possível ataque dos agressores. Um tratado idêntico foi assinado em simultâneo com a Checoslováquia. Em Março de 1936, a URSS assinou um tratado de ajuda mútua com a República Popular da Mongólia. Em Agosto de 1937 foi assinado um tratado de não agressão entre a URSS e a República da China.

2. O desenvolvimento contínuo da indústria e da agricultura na URSS. O cumprimento antecipado do segundo plano quinquenal. A reconstrução da agricultura e a conclusão da colectivização. A importância dos quadros. O movimento stakhanovista. A elevação do bem-estar do povo. O desenvolvimento da cultura nacional. A força da revolução soviética.

Enquanto nos países capitalistas começou uma nova crise, três anos após a crise económica de 1930-1933, na URSS a indústria manteve um crescimento constante durante todo este período. Se a indústria capitalista mundial tinha alcançado no seu conjunto, em meados de 1937, apenas 95 a 96 por cento do nível de 1929, para logo no segundo semestre de 1937 entrar numa nova etapa de crise, a indústria da URSS, numa progressão contínua, atingiu 428 por cento do seu nível de 1929 no final de 1937, crescendo mais de sete vezes em comparação com o nível de antes da guerra.

Estes êxitos eram a consequência directa da política de reconstrução seguida com grande tenacidade pelo partido e pelo governo.

Em resultado destes êxitos, o segundo plano quinquenal foi cumprido na indústria antecipadamente, em 1 de Abril de 1937, isto é, em quatro anos e três meses.

Foi uma enorme vitória do socialismo.

Na agricultura, o quadro de crescimento era semelhante. A superfície semeada para o conjunto das culturas aumentou de 105 milhões de hectares em 1913 (período de antes da guerra), para 135 milhões de hectares em 1937. A produção de cereais aumentou de 78,62 milhões de toneladas, em 1913, para 111,38 milhões de toneladas em 1937. A produção de rama de algodão aumentou de 720 mil toneladas para 2,52 milhões de toneladas, a produção de linho (fibra) aumentou de 311,22 mil toneladas para 507,78 mil toneladas, a produção de beterraba, de 10,71 milhões de toneladas para 21,47 milhões de toneladas, a produção das culturas de plantas oleaginosas aumentou de 2,11 milhões de toneladas para 5,02 milhões de toneladas.

Note-se que apenas os *kolkhozes* (excluindo os *sovkhoses*) forneceram ao país, em 1937, mais de 27,8 milhões de toneladas de trigo mercantil, isto é, cerca de, pelo menos, mais 6,5 milhões de toneladas do que os latifundiários, kulaques e camponeses juntos tinham fornecido em 1913.

A pecuária era o único ramo da agricultura que continuava aquém do nível de antes da guerra, desenvolvendo-se num ritmo lento.

No que se refere à colectivização da agricultura, esta podia considerar-se já concluída. Em 1937, os *kolkhozes* agrupavam 18 milhões e meio de explorações camponesas, o que representava 93 por cento da sua totalidade, enquanto a superfície cerealífera dos *kolkhozes* representava 99 por cento da área semeada com cereais.

A reconstrução da agricultura e o fornecimento intensivo de tractores e maquinaria agrícola tinham dado resultados palpáveis.

Assim, a conclusão da reconstrução da indústria e da agricultura permitiu equipar a economia nacional com tecnologia de primeira classe. A indústria e a agricultura, os transportes e o exército tinham recebido uma quantidade enorme de tecnologia moderna, novas máquinas e máquinas-ferramentas, tractores e maquinaria agrícola, locomotivas e navios, peças de artilharia e tanques, aviões e navios de guerra. Era necessário colocar no terreno dezenas e centenas de milhares de quadros formados, capazes de dominar toda esta tecnologia e tirar dela o máximo rendimento. Sem uma quantidade suficiente de especialistas, a tecnologia corria o risco de se transformar num monte de metal inerte e improdutivo. Era um perigo sério que resultava do facto de o aumento dos quadros especializados estar muito aquém do desenvolvimento da tecnologia. As coisas complicavam-se devido à circunstância de uma parte considerável dos responsáveis políticos não ter consciência deste perigo e julgar que a tecnologia faria «sozinha» o seu trabalho. Se antes se menosprezava a tecnologia e se tinha uma atitude desdenhosa em relação a ela, agora era claramente sobrestimada e convertida num fetiche. Faltava a compreensão de que sem quadros que a dominassem, a tecnologia seria uma coisa morta. E que sem quadros especializados a tecnologia não podia proporcionar uma alta produtividade.

A questão dos quadros técnicos adquiria portanto uma importância primordial.

Era necessário combater o entusiasmo desmesurado pela tecnologia e a subestimação do papel dos quadros por parte dos responsáveis políticos, concentrar a sua atenção na assimilação e domínio da tecnologia e no reforço, por todos os meios, do trabalho de formação de numerosos quadros capazes de dominar a tecnologia e retirar dela o máximo rendimento.

Se antes, no início do período da reconstrução, quando havia penúria de tecnologia, o partido tinha lançado a palavra de ordem «*a tecnologia no período de reconstrução decide tudo*», agora que a tecnologia abundava e o período de reconstrução estava no fundamental concluído, face à grave insuficiência de quadros, o partido tinha que lançar uma nova palavra de ordem, que concentrasse a atenção não já na tecnologia, mas nas pessoas, nos quadros capazes de a aproveitar plenamente.

A intervenção do camarada Stáline, em Maio de 1935, na formatura de finalistas da Academia do Exército Vermelho teve a este respeito uma grande importância:

«*Antes*» – lembrou o camarada Stáline – «*dizíamos que a “tecnologia decide tudo”. Esta palavra de ordem ajudou-nos na medida em que eliminámos a penúria no domínio da tecnologia e criámos uma vastíssima base técnica em todos os ramos da actividade, para munir a nossa gente com tecnologia de primeira classe. Isto é muito bom. Mas está longe, muito longe de ser suficiente. Para colocar a tecnologia em funcionamento, e aproveitá-la a fundo, é preciso pessoas que a dominem, é preciso quadros capazes de assimilar e utilizar esta tecnologia segundo todas as regras da arte. A tecnologia sem pessoas que a dominem é uma coisa morta. A tecnologia com pessoas que a dominem pode e deve fazer milagres. Se nas nossas empresas industriais de primeira classe, nos nossos sovkhozes e kolkhozes, no nosso Exército Vermelho existisse uma quantidade suficiente de quadros, capazes de assimilar a tecnologia, o nosso país obteria um rendimento três ou quatro vezes superior ao que actualmente obtém. Eis por que a tónica deve agora ser colocada nas pessoas, nos quadros, nos responsáveis que dominam a tecnologia. Eis por que a velha palavra de ordem “a tecnologia decide tudo”, que era o reflexo de um período já volvido, quando havia penúria de tecnologia, deve agora ser substituída por uma nova palavra de ordem, pela palavra de ordem “os quadros decidem tudo”. Isto agora é o principal (...)*

«*É preciso, por fim, compreender que, de todos os capitais preciosos que existem no mundo, o mais precioso e decisivo são as pessoas, os quadros. É preciso compreender que nas nossas condições actuais “os quadros decidem tudo”. Se tivermos bons e numerosos quadros na indústria, na agricultura, nos transportes, no exército, o nosso país será invencível. Se não tivermos tais quadros, coxearemos de ambos os pés.*»²

Deste modo, o aceleração da formação de quadros técnicos e a rápida assimilação da nova tecnologia, com vista à elevação contínua da produtividade do trabalho tornou-se uma tarefa primordial.

O movimento stakhanovista constituiu o exemplo mais impressionante do desenvolvimento de tais quadros, da assimilação da nova tecnologia pela nossa gente e do aumento contínuo da produtividade do trabalho. Este movimento nasceu e desenvolveu-se no Donbass, na indústria hulfífera, estendeu-se a outros ramos da indústria, alastrou aos transportes e, mais tarde, à agricultura. Foi designado movimento stakhanovista, segundo o nome do seu iniciador, o mineiro

² «Discurso no Palácio do Krémelin na formatura dos finalistas da Academia do Exército Vermelho», 4 de Maio de 1935, publicado no *Pravda*, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1997, Tomo 14, págs. 61, 62 e 63. (N. do T.)

da mina de Irmino-Central (Donbass), Aleksei Stakhánov.³ Antes de Stakhánov, Nikita Izotov⁴ tinha já estabelecido impressionantes recordes de extracção de hulha. O exemplo de Stakhánov, que em 31 de Agosto de 1935 extraiu num só turno 102 toneladas de hulha, superando 14 vezes as normas habituais, deu início a um movimento de massas dos operários e dos kolkhozianos pela elevação das normas de produção e por um novo incremento da produtividade do trabalho. Bussíguine⁵ na indústria automóvel, Smetánine⁶ na indústria do calçado, Krivonoss⁷ nos transportes, Mussínski⁸ na indústria florestal; Evdokia e Maria Vinogradova⁹ na indústria têxtil,

³ Aleksei Grigórievitch Stakhánov (1905-1977), mineiro na mina de Irmino-Central desde 1927. Terminou ali o curso de mineiro e na noite de 30 para 31 de Agosto de 1935, durante o seu turno de 5 horas e 45 minutos consegue extrair 102 toneladas de hulha, 14 vezes acima da norma vigente de sete toneladas por cada turno. Em 19 de Setembro estabelece um novo recorde mundial com 207 toneladas de minério. O seu feito é atribuído a uma nova forma de utilizar o martelo perfurador, na altura uma novidade tecnológica nas minas. O método inovador foi adoptado em todas as minas da URSS e o seu exemplo seguido em toda a economia durante os anos 30. Entre 1936 e 1941, Stakhánov faz o curso da Academia Industrial, tornando-se chefe de mina e, mais tarde, responsável pela secção da emulação socialista adjunta ao Comissariado da Indústria Hulhífera da URSS (1943-57), desempenhando funções de direcção no sector mineiro até se aposentar em 1974. (*N. do T.*)

⁴ Nikita Alekseiévitch Izótov (1902-1951), mineiro desde 1922, iniciou a formação dos jovens operários directamente no local de trabalho. Em 1933 criou uma escola de formação na mina, dando origem a um movimento que fica conhecido como «izotovismo». Entra para o partido em 1936 e passa a desempenhar funções de direcção na indústria hulhífera do Donbass. Entre 1937 e 1944 foi deputado do Soviete Supremo da URSS. Deixou o livro de memórias *A Minha Vida. O Meu Trabalho*. (*N. do T.*)

⁵ Aleksandr Kharítionovitch Bussíguine (1907-1985), metalúrgico na fábrica de automóveis de Górkí, foi um dos iniciadores do movimento stakhanovista no sector. Em 1935 estabeleceu um recorde de produtividade montando 966 cambotas. Mais tarde conseguiu elevar este número para 1146, ou seja, quase duplicando a norma de 675. Entrou para o partido em 1938 e tornou-se chefe de secção da fábrica. Foi eleito por duas vezes deputado do Soviete Supremo da URSS. (*N. do T.*)

⁶ Nikolai Stepánovitch Smetánine (1905-1978), iniciador do movimento stakhanovista na indústria do calçado. Em 21 de Setembro de 1935 conseguiu superar em 200 por cento a norma de produção, mediante um método inovador de divisão das operações. Torna-se membro do partido em 1939, assumindo funções de direcção no Comissariado da Indústria Ligeira. Foi director de uma série de fábricas de calçado até se aposentar em 1962. Foi deputado do Soviete Supremo da URSS. (*N. do T.*)

⁷ Piótr Fiódorevitch Krivonoss (1910-1980), membro do partido desde 1929, maquinista, iniciou o movimento stakhanovista no sector quando, em 1935, decidiu aumentar a pressão da caldeira da sua locomotiva o que lhe permitiu duplicar a velocidade do comboio de mercadorias para 46-47 quilómetros por hora. Depois de terminar o Instituto de Electromecânica (1953), torna-se chefe da linha Sul-Oeste. Foi por várias vezes eleito deputado do Soviete Supremo da URSS e integrou o CC do PC da Ucrânia. (*N. do T.*)

⁸ Vassíli Stepánovitch Mussínski (1907-1969), iniciador do movimento stakhanovista na indústria florestal. Em 30 de Setembro de 1935, utilizando novos métodos de produção, conseguiu serrar em tábuas 160 metros cúbicos de madeira, recorde que eleva depois para 174 e mais tarde par 313, quando a norma era de apenas 98 metros cúbicos por turno. Torna-se membro do partido e é eleito delegado ao XVIII Congresso (1939). Após terminar a Academia Industrial Florestal de Leningrado, trabalha no Ministério da Indústria Florestal, dirigindo mais tarde grandes empresas do sector. Foi deputado do Soviete Supremo da URSS. (*N. do T.*)

⁹ Evdokia Víktorovna Vinográdova (1914-1962) e Maria Ivánovna Vinográdova (1910-1990) iniciadoras do movimento stakhanovista no sector têxtil. Em Fevereiro de 1935 passaram a operar 40 teares automáticos em vez dos anteriores 26, e na Primavera do ano seguinte já operavam 216. Evdokia tornou-se membro do partido em 1939 e terminou a Academia Industrial em 1941. Trabalhou como chefe da secção de tecnologia do Ministério da Indústria Ligeira (1948-1952). Foi deputada do Soviete Supremo da URSS. Maria entrou igualmente para o partido em 1939 e tornou-se directora-adjunta da Fábrica Têxtil Frúnze em Moscovo em 1948. Foi deputada do Soviete Supremo da URSS. (*N. do T.*)

Maria Demtchenko,¹⁰ Marina Gnatenko,¹¹ Paskóvia Anguéline,¹² Polagutine, Kolessov,¹³ Kovardak¹⁴ e Bórine¹⁵ na agricultura – são estes os nomes dos pioneiros do movimento stakhanovista.

Atrás deles seguiram destacamentos inteiros de pioneiros, que superaram os níveis de produtividade alcançados pelos seus predecessores.

A 1.ª Conferência de Stakhanovistas de toda a URSS, realizada no Krémelin, em Novembro de 1935, e a intervenção do camarada Stáline tiveram uma enorme importância para o desenvolvimento do movimento stakhanovista.

O movimento stakhanovista, afirmou o camarada Stáline, «*exprime um novo surto da emulação socialista, uma nova etapa superior da emulação socialista (...) No passado, há dois ou três anos, a emulação socialista, na sua primeira etapa, não estava forçosamente relacionada com novas tecnologias. De resto, na altura, quase não tínhamos propriamente novas tecnologias. Mas a etapa actual da emulação socialista – o movimento stakhanovista – está pelo contrário forçosamente relacionada com a nova tecnologia. O movimento stakhanovista não seria concebível sem uma nova tecnologia superior. Diante de vós estão pessoas como os camaradas Stakhánov, Bussíguine, Smetánine, Krivonoss, as Vinográdova e muitos outros, pessoas novas, operários e operárias, que assimilaram totalmente a tecnologia da sua profissão, que a dominaram e desenvolveram. Pessoas assim não existiam ou eram quase inexistentes há três anos (...) A importância do movimento stakhanovista reside no facto de ser um movimento que rompe com as antigas normas técnicas insuficientes, que supera numa série de casos a produtividade do trabalho dos países capitalistas mais avançados e abre, deste modo, a possibilidade prática do reforço contínuo do socialismo no nosso país, a possibilidade de transformar o nosso país no país mais próspero.*»¹⁶

Caracterizando o método de trabalho dos stakhanovistas e analisando a enorme importância deste movimento para o futuro do país, o camarada Stáline prosseguiu:

¹⁰ Maria Sofrónovna Démitchenko (1912-1995), iniciadora do movimento pela obtenção de altas colheitas de beterraba. Em 1935, no II Congresso dos Kolkhozianos de Choque, comprometeu-se a colher 50 toneladas de beterraba por hectare. O seu feito desencadeou uma competição de produtividade em toda a agricultura. Em 1945 terminou o Instituto de Agronomia, trabalhando na sua especialidade até 1958. Em 1961 conclui a pós-graduação e dedica-se à investigação num *sovkhos* experimental na região de Kíev. Membro do partido desde 1939, foi eleita deputada do Soviete Supremo da URSS em 1965. (*N. do T.*)

¹¹ Marina Vassílovna Gnatenko (1914-?), uma das iniciadoras do movimento stakhanovista na agricultura. Obteve colheitas de beterraba superiores a 50 toneladas por hectare. Membro do partido desde 1939, eleita para o Soviete Supremo da URSS (1946-50), dedicou-se à investigação científica a partir de 1955. (*N. do T.*)

¹² Paskóvia Nikítitchna Anguéline (1912-1959), organizadora da primeira brigada de mulheres tractoristas, em 1933, numa Estação de Máquinas e Tractores na região de Donetsk. Membro do partido desde 1937, é eleita nesse ano para o Soviete Supremo da URSS. Em 1938 lança um apelo às mulheres soviéticas para que se tornem tractoristas e fixa uma meta: «*Cem mil amigas para os tractores*». Ao apelo responderam de imediato 200 mil mulheres. (*N. do T.*)

¹³ Semióne Polagutine e Fiódor Kolessov foram os primeiros condutores de ceifeiras debulhadoras a operarem durante a noite, adoptando métodos inovadores de descarga de cereais e abastecimento de combustível em movimento. Não encontramos outros dados biográficos sobre estes dois destacados stakhanovistas. (*N. do T.*)

¹⁴ Paskóvia Ivánovna Kovardak (1913-?) tractorista no *Sovkhos* Lénine, na região de Moscovo. Foi eleita deputada do Soviete Supremo da URSS. (*N. do T.*)

¹⁵ Konstantine Aleksandrovitch Bórine (1908-?), condutor de ceifeiras-debulhadoras, entrou para o partido em 1932. Utilizando métodos inovadores, conseguiu ceifar 2040 hectares com uma só máquina em 1936. Em 1937 atingiu novo recorde com 3240 hectares. Foi deputado do Soviete Supremo (1937-46), tornando-se, em 1962, docente do Instituto de Agronomia de Moscovo. (*N. do T.*)

¹⁶ «Discurso na Primeira Conferência de Stakhanovistas da URSS», 17 de Novembro de 1935, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit, Moscovo, 1997, Tomo 14, págs. 79 e 81. (*N. do T.*)

«*Observai os camaradas stakhanovistas. Quem são estas pessoas? São principalmente operários e operárias jovens ou de meia-idade, pessoas cultas, tecnicamente preparadas, que são exemplos de rigor e esmero no trabalho, que sabem apreciar o factor tempo no trabalho e aprenderam a contar o tempo não só em minutos mas também em segundos. A maioria obteve o chamado nível técnico mínimo e continua a completar a sua formação técnica. Estão libertos do conservadorismo e da inércia de alguns engenheiros, técnicos e dirigentes económicos, avançam com audácia quebrando normas técnicas obsoletas e criando outras superiores, rectificam a capacidade projectada e os planos económicos elaborados pelos dirigentes da nossa indústria, corrigem e complementam constantemente os engenheiros e técnicos, frequentemente ensinam-os e empurram-os para a frente, pois são pessoas que tecnicamente dominam a sua profissão e sabem tirar da tecnologia o seu máximo. Hoje há ainda poucos stakhanovistas, mas quem pode duvidar de que amanhã serão dez vezes mais? Não é uma evidência que os stakhanovistas são inovadores na nossa indústria, que o movimento stakhanovista representa o futuro da nossa indústria, que ele encerra o gérmen do próximo surto cultural e tecnológico da classe operária, que ele nos abre o caminho unicamente no qual será possível alcançar os elevados índices da produtividade do trabalho que são necessários à passagem do socialismo para o comunismo e para a eliminação do antagonismo entre o trabalho intelectual e o trabalho físico?»¹⁷*

O desenvolvimento do movimento stakhanovista e o cumprimento antecipado do segundo plano quinquenal criaram condições para um novo fomento do bem-estar e do desenvolvimento cultural dos trabalhadores.

O salário real dos operários e empregados aumentou mais de duas vezes ao longo do segundo quinquênio. O fundo de salários passou de 34 mil milhões, em 1933, para 81 mil milhões de rublos, em 1937. O fundo da segurança social do Estado passou de quatro mil e 600 milhões, em 1933, para cinco mil e 600 milhões de rublos, em 1937. Só neste último ano foram gastos cerca de dez mil milhões de rublos na segurança social dos operários e empregados, na melhoria das condições de vida e satisfação das necessidades culturais, em sanatórios, balneários, casas de repouso e assistência médica.

No campo, o regime kolkhoziano consolidou-se definitivamente. Para isso contribuíram fortemente o *Estatuto do Artel Agrícola*, aprovado no II Congresso de Kolkhozianos de Choque, em Fevereiro de 1935, e o reconhecimento do *usufruto perpétuo* aos *kolkhozes* de todas as terras por si cultivadas. Graças à consolidação do regime kolkhoziano, a pobreza e a indigência foram erradicadas no campo. Se há três anos cada kolkhoziano recebia um ou dois quilos de trigo por jornada de trabalho, agora, nas regiões produtoras de cereais, a maioria recebe entre 5 e 12 quilos de trigo por cada dia de trabalho e muitos chegam a receber 20 quilos, sem contar com outros produtos e pagamentos monetários. Milhões de famílias kolkhozianas receberam entre 8 a 24 toneladas de trigo nas regiões cerealíferas, alcançando rendimentos anuais na ordem das dezenas de milhares de rublos nas regiões produtoras de algodão, de beterraba, de linho, de pecuária, de vinicultura, de citrinos, frutas e legumes. Os *kolkhozes* tornaram-se prósperos. A construção de novos celeiros e armazéns passou a ser a principal preocupação dos kolkhozianos, dado que as antigas instalações de armazenagem, concebidas para reservas anuais insignificantes, não satisfaziam nem um décimo das suas novas necessidades.

Em 1936, tendo em conta o aumento do bem-estar das massas populares, o governo aprovou uma lei proibindo o aborto. Ao mesmo tempo foi elaborado um vasto plano de construção de maternidades, creches, cozinhas infantis e jardins-de-infância. Nesse ano foram destinados dois mil e 174 milhões de rublos para estes equipamentos contra 875 milhões de rublos despendidos em 1935. Uma lei especial consagrou uma ajuda substancial às famílias numerosas, mediante a qual foram atribuídos subsídios, em 1937, num valor acima de mil milhões de rublos.

Em resultado da introdução do ensino geral obrigatório e da construção de novas escolas, a cultura das massas populares registou um poderoso impulso. Por todo o país desenvolveu-se um grandioso incremento da escolaridade. O número de alunos no ensino básico e secundário

¹⁷ Idem, *ibidem*, pág. 83. (*N. do T.*)

aumentou de oito milhões, em 1914, para 28 milhões em 1936-37. O número de alunos do ensino superior aumentou de 112 mil, em 1914, para 542 mil em 1936-37.

Esta foi uma revolução cultural.

A elevação do bem-estar material e cultural das massas populares revelou a força, o poderio e a invencibilidade da revolução soviética. No passado, as revoluções fracassaram porque, depois de darem a liberdade ao povo, não tinham a possibilidade de lhe proporcionar ao mesmo tempo uma melhoria sensível da sua situação material e cultural. Nisto residiu a sua principal fraqueza. A revolução soviética distingue-se de todas as outras pelo facto de que não só libertou o povo do tsarismo e do capitalismo, mas também melhorou radicalmente a sua situação material e cultural. Nisto reside a sua força e invencibilidade.

«A nossa revolução proletária» – afirmou o camarada Stáline no seu discurso na Primeira Conferência de Stakhanovistas da URSS – «é a única revolução do mundo que teve a oportunidade de apresentar ao povo não só resultados políticos, mas também resultados materiais. De todas as revoluções operárias, apenas conhecemos uma que, com dificuldade, alcançou o poder. Foi a Comuna de Paris. Mas persistiu por pouco tempo. É certo que tentou romper as grilhetas do capitalismo, mas não teve tempo de o fazer e muito menos teve tempo para apresentar ao povo os benefícios materiais da revolução. A nossa revolução é a única que não só rompeu as grilhetas do capitalismo e deu liberdade ao povo como, além disso, pôde dar ao povo condições materiais para uma vida próspera. Nisto reside a força e a invencibilidade da nossa revolução.»¹⁸

3. O VIII Congresso dos Sovietes. A aprovação da nova Constituição da URSS

Em Fevereiro de 1935, o VII Congresso dos Sovietes da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas aprovou a decisão de alterar a Constituição da URSS, adoptada em 1924. A necessidade de alterar a Constituição da URSS decorria das enormes mudanças operadas no país desde 1924, isto é, desde a adopção da primeira Constituição da União Soviética. Neste lapso de tempo, a correlação das forças de classe alterou-se completamente na URSS: tinha sido criada uma indústria socialista nova, os kulaques foram destroçados, o regime kolkhoziano triunfara, a propriedade socialista sobre os meios de produção afirmou-se em toda a economia nacional como a base da sociedade soviética. A vitória do socialismo permitia passar à subsequente democratização do sistema eleitoral e à introdução do sufrágio universal, igual, directo e secreto.

Uma comissão constituinte especial, presidida pelo camarada Stáline, foi encarregada de elaborar o projecto da nova Constituição da URSS. O projecto foi submetido à discussão pública, que decorreu durante cinco meses e meio. Depois foi apresentado ao exame do VIII Congresso Extraordinário dos Sovietes, convocado em Novembro de 1936 para aprovar ou rejeitar o projecto da nova Constituição da URSS.

No seu relatório ao VIII Congresso dos Sovietes sobre o projecto da nova Constituição, o camarada Stáline explanou as principais alterações ocorridas no País dos Sovietes desde a aprovação da Constituição de 1924.

A Constituição de 1924 foi elaborada no primeiro período da *NEP*. Na altura, o Poder Soviético admitia ainda o desenvolvimento do capitalismo a par do desenvolvimento do socialismo, contando organizar e garantir a vitória do socialismo no decurso da competição entre os dois sistemas no domínio da economia. A questão de «quem vencerá» não estava ainda decidida. Baseada numa tecnologia antiquada e pobre, a indústria não tinha sequer alcançado o nível de antes da guerra. O panorama da agricultura era ainda mais deplorável. Os *sovkhoses* e os *kolkhozes* eram pequenas ilhas isoladas num imenso oceano das explorações camponesas individuais. Na

¹⁸ Idem, ibidem, pág. 85. (*N. do T.*)

altura não se colocava a questão da liquidação dos kulaques, mas apenas a sua limitação. No domínio do comércio, o sector socialista representava apenas cerca de 50 por cento.

Em 1936, a URSS apresentava um quadro diferente. A economia tinha mudado completamente. Os elementos capitalistas tinham sido totalmente liquidados, o sistema socialista triunfara em todos os domínios da economia nacional. A poderosa indústria socialista ultrapassara em sete vezes a produção anterior à guerra e tinha substituído totalmente a indústria privada. Na agricultura triunfara a grande produção socialista, a maior do mundo, mecanizada e equipada com tecnologia moderna, sob a forma do sistema de *kolkhozes* e *sovkhazes*. Em 1936, os kulaques tinham sido totalmente liquidados, enquanto classe, e o sector individual perdera o peso determinante na economia do país. Todo o comércio estava concentrado nas mãos do Estado e das cooperativas. A exploração do homem pelo homem tinha sido eliminada para sempre. A propriedade social (socialista) sobre os meios de produção consolidou-se como a base inabalável do sistema socialista em todos os ramos da economia nacional. Na nova sociedade socialista tinham desaparecido para sempre as crises, a miséria, o desemprego e a ruína. Estavam criadas as condições necessárias para uma vida próspera e de cultura para todos os membros da sociedade soviética.

Nesta conformidade, como assinalou o camarada Stáline no seu relatório, alterou-se a composição de classes da população da URSS. A classe dos latifundiários e a grande burguesia imperialista tinham sido liquidadas logo no período da guerra civil. Todos os elementos exploradores – os capitalistas, os comerciantes, os kulaques e os especuladores – foram suprimidos ao longo do período da construção do socialismo. Subsistiam apenas resquícios insignificantes das classes exploradoras suprimidas, cuja liquidação total era uma questão de um futuro próximo.

Durante a construção do socialismo operaram-se alterações profundas nos trabalhadores da URSS – operários, camponeses, intelectuais.

A classe operária já não era uma classe explorada, privada dos meios de produção, como acontece no capitalismo. Pelo contrário, tinha destruído o capitalismo, retirara-lhe os meios de produção e transformara-os em propriedade social. Por isso já não era proletariado no sentido estrito e antigo desta palavra. Detentor do poder de Estado, o proletariado da URSS transformara-se numa classe absolutamente nova. Era agora uma classe operária emancipada da exploração, que tinha destruído o sistema económico capitalista e instaurado a propriedade socialista sobre os meios de produção, ou seja, uma classe operária nunca antes conhecida na história da humanidade.

As alterações operadas na situação do campesinato não eram menos profundas. Antigamente, mais de 20 milhões de pequenas e médias explorações agrícolas, dispersas e isoladas, cavavam isoladamente as suas parcelas. Os camponeses utilizavam técnicas atrasadas, eram explorados pelos latifundiários, kulaques, comerciantes, especuladores, usurários, etc. Agora, na URSS nascera um tipo de campesinato inteiramente novo. Já não havia latifundiários, kulaques, comerciantes ou usurários que pudessem explorar o campesinato. A imensa maioria das explorações camponesas tinha entrado para os *kolkhozes*, os quais assentam na propriedade colectiva, e não privada, dos meios de produção, criados na base do trabalho colectivo. Este é um novo tipo de campesinato, liberto de qualquer exploração, também nunca antes conhecido na história da humanidade.

A *intelligentsia* da URSS alterou-se igualmente, tornando-se, na sua massa, um tipo completamente novo. Maioritariamente é originária dos meios operários e camponeses, não serve o capitalismo, como a antiga *intelligentsia*, mas o socialismo, constituindo um membro igual em direitos da sociedade socialista. Esta *intelligentsia* constrói a nova sociedade socialista juntamente com os operários e camponeses. É um novo tipo de *intelligentsia*, ao serviço do povo e liberto de qualquer exploração. A história da humanidade nunca antes tinha conhecido uma tal *intelligentsia*.

Deste modo dissipam-se as demarcações de classe entre os trabalhadores da URSS, desaparece o antigo exclusivismo de classe. Atenuam-se e dissipam-se as contradições económicas e políticas entre os operários, os camponeses e os intelectuais. Está criada a base para a unidade moral e política da sociedade.

Estas profundas alterações na vida da URSS, estes êxitos decisivos do socialismo no país foram consagrados na nova Constituição da União Soviética.

De acordo com esta Constituição, a sociedade soviética é composta por duas classes amistosas – os operários e os camponeses – entre as quais subsistem ainda diferenças de classe. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é um Estado socialista de operários e camponeses.

A base política da URSS é constituída pelos Sovietes de Deputados dos trabalhadores, que cresceram e se consolidaram na sequência do derrubamento do poder dos latifundiários e capitalistas e da conquista da ditadura do proletariado.

Na URSS, todo o poder pertence aos trabalhadores da cidade e do campo, representados pelos Sovietes de Deputados dos trabalhadores.

O órgão máximo de poder do Estado é o Soviete Supremo da URSS.

O Soviete Supremo da URSS, formado por duas câmaras iguais em direitos – o Soviete da União e o Soviete das Nacionalidades – é eleito pelos cidadãos da URSS por um período de quatro anos, através de sufrágio universal, igual, directo e secreto.

O Soviete Supremo da URSS, tal como todos os soviets de deputados dos trabalhadores, é eleito por *sufrágio universal*. Isto significa que todos os cidadãos da URSS que tenham completado 18 anos – independentemente da raça, nacionalidade, credo religioso, grau de instrução, residência, origem social, situação económica e actividade no passado – têm o direito de participar nas eleições para deputados e de ser eleitos, à excepção dos alienados e dos indivíduos condenados pelo tribunal à privação dos direitos eleitorais.

Os deputados são eleitos por *sufrágio igual*. Isto significa que cada cidadão tem um só voto e que todos os cidadãos tomam parte nas eleições em condições de igualdade.

As eleições para deputados são *directas*. Isto significa que as eleições para todos os soviets de deputados dos trabalhadores, desde os soviets rurais e urbanos até ao Soviete Supremo da URSS, são realizadas directamente pelos cidadãos por via do sufrágio directo.

O Soviete Supremo da URSS, em sessão conjunta das duas Câmaras, elege o *Presidium* do Soviete Supremo e o Conselho dos Comissários do Povo da URSS.

A base económica da União Soviética é constituída pelo sistema económico socialista e pela propriedade socialista sobre os meios de produção. Na URSS aplica-se o princípio do socialismo: «*De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo o seu trabalho*».

A todos os cidadãos da URSS é garantido o direito ao trabalho, o direito ao descanso, o direito à educação, o direito à protecção material na velhice, bem como em caso de doença ou de invalidez para o trabalho.

A mulher dispõe de direitos iguais aos do homem em todas as áreas de actividade.

A igualdade de direitos de todos os cidadãos da URSS, independentemente de sua nacionalidade e raça, é uma lei intangível.

A todos os cidadãos é reconhecida a liberdade de consciência e a liberdade de propaganda anti-religiosa.

A Constituição garante – no interesse da consolidação da sociedade socialista – a liberdade de expressão, de imprensa, de reunião e de comícios, o direito de associação em organizações sociais, a inviolabilidade pessoal, a inviolabilidade do domicílio e da correspondência, o direito de asilo para os cidadãos estrangeiros perseguidos por defenderem os interesses dos trabalhadores, por motivo da sua actividade científica ou da sua luta em prol da libertação nacional.

Ao mesmo tempo, a nova Constituição impõe sérios deveres a todos os cidadãos da URSS: cumprir as leis, observar a disciplina no trabalho, cumprir honestamente os deveres sociais, respeitar as regras da convivência na sociedade socialista, salvaguardar e fortalecer a propriedade social socialista e defender a pátria socialista.

«*A defesa da pátria constitui o dever sagrado de todos os cidadãos da URSS.*»

A propósito do direito dos cidadãos de se associarem em diferentes organizações, a Constituição estabelece num dos seus artigos:

«*Os cidadãos mais activos e conscientes da classe operária e de outras camadas de trabalhadores congregam-se no Partido Comunista de Toda a União (bolchevique), que representa o destacamento de vanguarda dos trabalhadores, na sua luta pelo reforço e*

desenvolvimento do regime socialista, e o núcleo dirigente de todas as organizações de trabalhadores, tanto sociais como do Estado.»

O VIII Congresso dos Sovietes aprovou e ratificou por unanimidade o projecto da nova Constituição da URSS.

O país dos Sovietes obteve, deste modo, uma nova Constituição, a Constituição da vitória do socialismo e da democracia operária e camponesa.

Assim, a Constituição consagrou o facto de alcance histórico universal de que a URSS entrou numa nova etapa de desenvolvimento, na etapa da conclusão da edificação da sociedade socialista e de transição gradual para a sociedade comunista, na qual o princípio director da vida social deverá ser o princípio comunista: «*De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades.*»

4. A liquidação dos restos dos espiões, sabotadores e traidores da pátria bukharinistas-trotskistas. A preparação das eleições para o Soviete Supremo da URSS. A linha do partido para uma ampla democracia interna. As eleições para o Soviete Supremo da URSS.

No ano de 1937 foram revelados novos factos sobre os verdugos do bando bukharinista-trotskista. O processo de Piatakov, Rádek e outros, o de Tukhatchévski, Iakir¹⁹ e outros, e finalmente o de Bukhárine, Ríkov, Krestínski, Rosengolts²⁰ e outros – todos estes processos mostraram que os bukharinistas e trotskistas formavam um único bando de inimigos do povo, sob a cobertura do «bloco trotskista de direita».

Os processos mostraram que esta escória do género humano, juntamente com os inimigos do povo, Trótski, Zinóviev e Kámenev, já tinha participado na conspiração contra Lénine, contra o partido e contra o Estado Soviético logo nos primeiros dias da Revolução Socialista de Outubro. As tentativas provocatórias de romper a paz de Brest-Litovsk, no início de 1918; a conspiração contra Lénine e a colusão com os socialistas-revolucionários de «esquerda» para prender e assassinar Lénine, Stáline e Sverdlov, na Primavera de 1918; o celerado atentado a tiro que feriu Lénine no Verão de 1918; a revolta dos socialistas-revolucionários de «esquerda», no mesmo Verão; a agudização deliberada das divergências dentro do partido, em 1921, com o objectivo de desestabilizar e derrubar internamente a direcção de Lénine; as tentativas de derrubar a direcção do partido durante a doença e depois da morte de Lénine; a entrega de segredos de Estado e o fornecimento de informações aos serviços de espionagem estrangeiros; o celerado assassinato de Kírov; os actos de sabotagem e de diversionismo, as explosões; o celerado assassinato de Menjínski,²¹ Kúibichev e Górkí – todos estes crimes e outros semelhantes foram cometidos ao

¹⁹ Iona Emanuílovitch Iakir (1896-1937), membro do partido desde 1917, do CC desde 1934 (candidato desde 1930). Militar do Exército Vermelho desde 1918, comandou tropas contra intervencionistas romenos, alemães e austríacos. Condecorado com três ordens, é nomeado em 1925 comandante da Forças Armadas da Ucrânia e Crimeia. Entre 1926 e 1928 estudou na Academia Militar Superior na Alemanha. Em 1937 é nomeado comandante da região militar de Leningrado. Preso nesse ano, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista e é condenado à morte. (*N. do T.*)

²⁰ Arkadi Pávlovitch Rosengolts (1889-1938), membro do partido desde 1905, candidato do CC (1934-37) e da Comissão Central de Controlo (1927-34). Após a Revolução de Outubro integra o comité executivo do Soviete de Moscovo, participa activamente na organização do exército e em vários ministérios. Entre 1925 e 1927 foi conselheiro e representante da URSS no Reino Unido. Vice-comissário da Inspeção Operária e Camponesa (1928-30), é designado, em 1930, comissário do Comércio Externo, cargo de que é exonerado em 1937. Meses depois é preso, julgado e condenado a fuzilamento por alta traição. (*N. do T.*)

²¹ Viatcheslav Rudólfovitch Menjínski (1874-1934), membro do partido desde 1902, do CC desde 1927, participou na revolução de 1905-1907 como membro da organização militar adjunta ao CC e na insurreição armada de Outubro. Comissário das Finanças (Janeiro-Abril de 1918), cônsul em Berlim (1918-19) e comissário

longo de 20 anos com a participação ou sob a direcção de Trótski, Zinóviev, Kámenev, Bukhárine, Ríkov e seus lacaios, sob ordens dos serviços de espionagem burgueses estrangeiros.

Os processos revelaram que os verdugos trotskistas-bukarinistas, cumprindo ordens dos seus patrões – os serviços de espionagem burgueses estrangeiros – tinham como objectivo destruir o partido e o Estado Soviético, minar a defesa do país, facilitar a intervenção armada estrangeira, preparar a derrota do Exército Vermelho e o desmembramento da URSS, a entrega aos japoneses da Província Marítima Soviética, da Bielorrússia soviética aos polacos e da Ucrânia soviética aos alemães, a destruição das conquistas dos operários e kolkhozianos e a restauração da escravidão capitalista na URSS.

Estes pigmeus guardas brancos, cuja força apenas seria comparável à de um insignificante insecto, ao que parece consideravam-se, apesar do ridículo, donos do país e imaginavam que podiam repartir e vender por sua conta a Ucrânia, a Bielorrússia e a Província Marítima.

Estes vermes guardas brancos esqueceram-se de que o dono do País dos Sovietes é o Povo Soviético e que os senhores Ríkov, Bukhárine, Zinóviev e Kámenev não passavam de servidores temporários do Estado, o qual podia em qualquer momento varrê-los dos seus gabinetes como trastes inúteis.

Estes miseráveis lacaios dos fascistas esqueceram-se de que bastava o Povo Soviético mover um dedo para que deles não ficasse nem o rasto. O tribunal soviético condenou os verdugos bukarinistas-trotskistas a fuzilamento.

O Comissariado do Povo dos Assuntos Internos executou a sentença.

O povo soviético aprovou o esmagamento do bando bukharinista-trotskyista e prosseguiu as suas tarefas diárias.

Na ordem do dia estava a preparação das eleições para o Soviete Supremo da URSS e a sua realização organizada.

O partido desenvolveu um amplo trabalho de preparação das eleições. Considerava que a introdução da nova Constituição da URSS marcava uma viragem na vida política do país, que consistia na realização da total democratização do sistema eleitoral, na passagem do sufrágio restrito ao sufrágio universal, do sufrágio não inteiramente igual ao sufrágio igual, das eleições indirectas às eleições directas, do escrutínio público ao escrutínio secreto.

Enquanto antes existiam restrições dos direitos eleitorais aos eclesiásticos, antigos guardas brancos, antigos kulaques e indivíduos que não prestassem trabalho útil à sociedade, agora a nova Constituição tinha abolido todas as limitações dos direitos eleitorais a estas categorias de cidadãos, determinando a eleição dos deputados por sufrágio universal.

Enquanto antes as eleições dos deputados não eram iguais, uma vez que existiam regras eleitorais diferentes para a população das cidades e do campo, agora já não havia necessidade de limitar a igualdade do sufrágio, e todos os cidadãos passaram a ter direito de participar nas eleições segundo princípios iguais.

Enquanto antes as eleições para os órgãos intermédios e superiores do Poder Soviético eram indirectas, agora, segundo a nova Constituição, as eleições para todos os Sovietes, desde os Sovietes rurais e urbanos até ao Soviete Supremo, deviam efectuar-se por sufrágio directo de todos os cidadãos.

Enquanto antes as eleições dos deputados dos Sovietes se efectuavam através votação pública e por listas, agora o voto para a eleição dos deputados era secreto e incidia não sobre uma lista mas em candidaturas individuais apresentadas em cada circunscricção eleitoral.

Isto constituiu uma viragem inquestionável na vida política do país.

da Inspeccção Operária Camponesa até finais de 1919. Entra para a *Tcheca*, onde se torna adjunto de Dzerjinski (1923) e, após a sua morte, em 1926, presidente da *OGPU*. (*N. do T.*)

O novo sistema eleitoral devia provocar, e efectivamente provocou, um aumento da actividade política das massas, o reforço do controlo das massas sobre os órgãos do Poder Soviético, o aumento da responsabilidade dos órgãos do Poder Soviético perante o povo.

Para realizar esta viragem nas melhores condições, o partido devia colocar-se à cabeça e assegurar inteiramente o seu papel dirigente nas eleições que se avizinhavam. Mas para isso era necessário que as próprias organizações do partido se tornassem plenamente democráticas na sua actividade, que aplicassem integralmente os princípios do centralismo democrático na sua vida interna, como exigem os estatutos do partido, que todos os órgãos do partido fossem electivos, que a crítica e a autocritica se desenvolvessem no partido em toda a sua extensão, que a responsabilidade das organizações do partido perante as bases fosse total e que as próprias bases do partido fossem totalmente activas.

O relatório do camarada Jdánov no Plenário do Comité Central, em finais de Fevereiro de 1937, sobre a preparação das organizações do partido para as eleições do Soviete Supremo da URSS, mostrou que toda uma série de organizações violava amiúde na sua actividade os estatutos do partido e os princípios do centralismo democrático, substituindo a electividade pela cooptação, a eleição uninominal pelo escrutínio de listas, o voto secreto pelo voto público, etc. Era claro que organizações com uma tal prática não podiam cumprir a sua missão nas eleições do Soviete Supremo. Por isso era necessário, antes de mais, pôr termo a semelhantes práticas antidemocráticas nas organizações do partido e reconstruir o trabalho do partido numa base de ampla democracia.

Neste sentido, o Plenário do Comité Central, após ouvir o relatório do camarada Jdánov, deliberou:

«a) *Reconstruir o trabalho do partido na base da aplicação plena e incondicional dos princípios da democracia interna, conforme prescrevem os seus estatutos.*

b) *Pôr termo à prática da cooptação dos membros dos comités do partido e restabelecer, de acordo com os estatutos, a electividade dos organismos dirigentes das organizações do partido.*

c) *Proibir a votação de listas e sufragar candidaturas individuais na eleição dos organismos do partido, garantindo a todos os membros do partido o direito ilimitado de recusar candidatos e de criticá-los.*

d) *Instituir o sufrágio secreto dos candidatos na eleição dos organismos do partido.*

e) *Realizar eleições dos organismos em todas as organizações do partido, desde as organizações de base até aos comités de krai, oblast e comités centrais dos partidos das repúblicas nacionais, devendo estas eleições estar concluídas até 20 de Maio.*

f) *Incumbir todas as organizações do partido de respeitar estritamente, em conformidade com os estatutos, os prazos para a eleição dos organismos: nas organizações de base, uma vez por ano, nas organizações regionais e de cidade, uma vez por ano; nas organizações de krai, oblast e de república, uma vez em cada ano e meio.*

g) *Assegurar nas organizações de base do partido o cumprimento estrito do regulamento eleitoral dos comités do partido em assembleias de fábrica, não admitindo que sejam substituídas por conferências.*

h) *Pôr termo à prática que se verifica numa série de organizações de base do partido de abolição de facto das assembleias e sua substituição por reuniões de secção nas fábricas e por conferências.»²²*

Começou assim a preparação do partido para as eleições que se avizinhavam.

Esta resolução do Comité Central teve uma enorme importância política, não só porque marcou o início da campanha eleitoral do partido para as eleições do Soviete Supremo da URSS mas, sobretudo, porque ajudou as organizações do partido a se reestruturarem, a aplicarem a democracia interna e a enfrentarem nas melhores condições as eleições para o Soviete Supremo.

²² *O PCUS nas suas Resoluções e Decisões dos Congressos, Conferências e Plenários do CC*, ed. cit., Moscovo, 1953, Tomo II, pág. 836. (N. do T.)

Ao lançar a campanha eleitoral, o partido assentou a sua política na ideia de um bloco eleitoral entre os comunistas e os sem-partido. O partido apresentou-se às eleições num bloco, em aliança com os sem-partido, decidindo apresentar candidaturas conjuntas nas circunscrições eleitorais. Isto era algo inédito e, na prática, absolutamente impossível nas campanhas eleitorais dos países burgueses. Mas no País dos Sovietes, onde já não existem classes inimigas e onde a unidade política e moral de todas as camadas do povo constitui um facto inquestionável, o bloco dos comunistas com os sem-partido representou um acontecimento absolutamente natural.

Em 7 de Dezembro de 1937, o Comité Central do partido dirigiu uma mensagem a todos os eleitores, onde se lia:

«Em 12 de Dezembro de 1937, os trabalhadores da União Soviética, com base na nossa Constituição Socialista, elegerão os deputados ao Soviete Supremo da URSS. O partido bolchevique apresenta-se às eleições em bloco, em aliança com os operários, camponeses, empregados e intelectuais sem-partido (...) O partido bolchevique não se isola dos sem-partido, mas, pelo contrário, concorre às eleições em bloco, em aliança com os sindicatos de operários e empregados, com o Komsomol e outras organizações e associações de cidadãos sem-partido. Consequentemente, comunistas e sem-partido terão candidatos a deputados comuns, cada deputado sem-partido será também deputado dos comunistas, da mesma maneira que cada deputado comunista será deputado dos sem-partido.»

A mensagem do Comité Central terminava com o seguinte apelo aos eleitores:

«O Comité Central do Partido Comunista de Toda a União (bolchevique) apela a todos os comunistas e simpatizantes a votar nos candidatos sem-partido com a mesma unanimidade com que devem votar nos candidatos comunistas.

«O Comité Central do Partido Comunista de Toda a União (bolchevique) apela a todos os eleitores sem-partido a votarem nos candidatos comunistas com a mesma unanimidade com que votarão nos candidatos sem-partido.

«O Comité Central do Partido Comunista de Toda a União (bolchevique) apela a todos os eleitores para que, em 12 de Dezembro de 1937, afluam às urnas como um só para eleger os deputados ao Soviete da União e ao Soviete das Nacionalidades.

«Não deverá haver um só eleitor que não exerça o seu honroso direito de eleger deputados ao órgão supremo do Estado Soviético.

«Não deverá haver um só cidadão activo que não considere ser seu dever de cidadão contribuir para que todos os eleitores, sem excepção, participem nas eleições ao Soviete Supremo.

«O dia 12 de Dezembro de 1937 deverá tornar-se um grandioso dia de festa da unidade dos trabalhadores de todos os povos da URSS em torno da bandeira vitoriosa de Lénine e Stáline.»

Em 11 de Dezembro de 1937, véspera do dia das eleições, intervindo na sua circunscrição eleitoral, o camarada Stáline abordou a questão de como devem ser os eleitos do povo, os deputados do Soviete Supremo da URSS:

«Os eleitores, o povo, devem exigir aos seus deputados que estejam à altura da sua missão; que no seu trabalho não desçam ao nível dos políticos pequeno-burgueses; que permaneçam nos seus postos como políticos de tipo leninista; que sejam políticos tão lúcidos e determinados como era Lénine; que sejam tão intrépidos no combate, tão implacáveis com os inimigos do povo como era Lénine; que não se deixem levar pelo pânico, a mínima sombra de pânico, quando as coisas começam a complicar-se e no horizonte se divisa algum perigo; que sejam imunes a qualquer tipo de pânico como era Lénine; que na resolução de problemas complexos, em que é preciso uma orientação multilateral e ter em conta todos os inconvenientes e todas as vantagens, sejam tão sagazes e ponderados como era Lénine; que sejam tão sinceros e honestos como era Lénine; que amem o seu povo como o amava Lénine.»²³

²³ «Discurso na reunião de eleitores da circunscrição eleitoral da cidade de Moscovo», 11 de Dezembro de 1937, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1997, Tomo 14, pág.241-242. (N. do T.)

Em 12 de Dezembro realizaram-se as eleições para o Soviete Supremo da URSS, que decorreram num ambiente de enorme entusiasmo. Não foi um simples acto eleitoral, mas uma grande festa, o triunfo do povo soviético, uma demonstração da grande amizade dos povos da URSS.

Dos 94 milhões de eleitores, mais de 91 milhões, ou seja 95,8 por cento, participaram nas eleições. Destes eleitores, 89 milhões e 884 mil, ou seja 98,6 por cento, votaram no bloco dos comunistas e sem-partido. Apenas 632 mil pessoas, ou seja, menos de um por cento, votaram contra os candidatos do bloco dos comunistas e dos sem-partido. Todos os candidatos do bloco, sem excepção, foram eleitos.

Deste modo, 90 milhões de pessoas ratificaram com o seu voto unânime o triunfo do socialismo na URSS.

Foi uma grande vitória do bloco dos comunistas e sem-partido.

Foi um triunfo do partido bolchevique.

A unidade política e moral do povo soviético, evocada pelo camarada Mólotov no seu histórico discurso no 20.º aniversário da Revolução de Outubro, foi brilhantemente confirmada nestas eleições.

Conclusão

Que balanço se pode fazer do percurso histórico do partido bolchevique?

Que nos ensina a história do PCU(b)?

1) A história do partido bolchevique ensina-nos, antes de tudo, que a vitória da revolução proletária, a vitória da ditadura do proletariado, é impossível sem um partido revolucionário do proletariado, liberto do oportunismo, intransigente para com os conciliadores e capitulacionistas, revolucionário para com a burguesia e o seu poder de Estado.

A história do partido ensina-nos que privar o proletariado de um tal partido significa privá-lo de uma direcção revolucionária, e privá-lo de uma direcção revolucionária significa o malogro da causa da revolução proletária.

A história do partido ensina-nos que tal partido não pode ser um vulgar partido social-democrata de tipo europeu-ocidental, educado nas condições da paz civil, rebocado por oportunistas, que sonha com «reformas sociais» e teme a revolução social.

A história do partido ensina-nos que tal partido só pode ser um partido de novo tipo, um partido marxista-leninista, um partido da revolução social, capaz de preparar o proletariado para os combates decisivos contra a burguesia e de organizar a vitória da revolução proletária.

Na URSS, este partido é o partido bolchevique.

«No período pré-revolucionário» – afirmou o camarada Stáline – «no período de evolução mais ou menos pacífica, em que os partidos da II Internacional representavam a força predominante no movimento operário e as formas parlamentares de luta eram consideradas como as principais – nestas condições, o partido não tinha nem podia ter a grande e decisiva importância que adquiriu mais tarde no decurso das batalhas revolucionárias abertas. Defendendo a II Internacional dos que a atacavam, Kautsky disse que os partidos da II Internacional são um instrumento de paz e não de guerra e que, precisamente por isso, se revelaram impotentes para tomar qualquer iniciativa séria durante a guerra, no período das acções revolucionárias do proletariado. Isto é totalmente exacto. Mas o que significa? Significa que os partidos da II Internacional são inúteis para a luta revolucionária do proletariado, que não são partidos combativos do proletariado, que o conduzem ao poder, mas sim um aparelho eleitoral adaptado às eleições parlamentares e à luta parlamentar. Isto explica justamente o facto de que, durante o período de domínio dos oportunistas da II Internacional, a organização política fundamental do proletariado não era o partido, mas o grupo parlamentar. É sabido que neste período o partido era, na realidade, um apêndice do grupo parlamentar e um elemento destinado a servi-lo. É inútil demonstrar que, em tais condições e com semelhante partido à frente, não se punha sequer a questão de preparar o proletariado para a revolução.

Mas a situação alterou-se radicalmente como advento do novo período. Este novo período é o dos confrontos abertos entre as classes, o período das acções revolucionárias do proletariado, o período da revolução proletária, o período da preparação directa das forças para o derrubamento do imperialismo e a tomada do poder pelo proletariado. Este período coloca ao proletariado novas tarefas de reorganização de todo o trabalho do partido de uma nova maneira revolucionária, de educação dos operários no espírito da luta revolucionária pelo poder, de preparação e concentração de reservas, de aliança com os proletários dos países vizinhos, de estabelecimento de ligações sólidas com o movimento de libertação das colónias e dos países dependentes, etc. Pensar que estas tarefas podem ser levadas a cabo com as forças dos velhos partidos sociais-democratas, educadas nas condições pacíficas do parlamentarismo, é votar-se nos a um desespero irremediável, a uma derrota inevitável. Com tais tarefas sobre os ombros, manter os velhos partidos na liderança significa permanecer completamente desarmado. É inútil demonstrar que o proletariado não podia conformar-se com semelhante situação.

Daqui a necessidade de um novo partido, de um partido combativo, de um partido revolucionário, suficientemente corajoso para conduzir os proletários na luta pelo poder,

suficientemente experiente para se orientar nas condições complexas da situação revolucionária e suficientemente flexível para contornar todo o tipo de escolhos no caminho para o objectivo.

Sem um tal partido não se pode sequer pensar no derrubamento do imperialismo, na conquista da ditadura do proletariado.

Este novo partido é o partido do leninismo.»²⁴

2) A história do partido ensina-nos ainda que o partido da classe operária não pode cumprir o papel de dirigente da sua classe, não pode cumprir o papel de organizador e dirigente da revolução proletária se não dominar a teoria de vanguarda do movimento operário, se não dominar a teoria marxista-leninista.

A força da teoria marxista-leninista consiste no facto de dar ao partido a possibilidade de se orientar em qualquer situação, de compreender a conexão interna dos acontecimentos que o circundam, de prever o seu curso e discernir não só como e em que sentido se desenvolvem no presente, mas também como e em que sentido se irão desenvolver os acontecimentos no futuro.

Só um partido que domina a teoria marxista-leninista pode avançar com confiança e conduzir para a frente a classe operária.

Inversamente, um partido que não domina a teoria marxista-leninista é obrigado a andar às cegas, perde a confiança na acção e é incapaz de conduzir para a frente a classe operária.

Poderá pensar-se que dominar a teoria marxista-leninista significa decorar escrupulosamente certas conclusões e teses das obras de Marx, Engels e Lênine, aprender a citá-las oportunamente e confiar em que as conclusões e teses decoradas poderão aplicar-se a qualquer situação e em todos os casos da vida. Mas tal concepção da teoria marxista-leninista é completamente falsa. A teoria marxista-leninista não se pode ser vista como um conjunto de dogmas, um catecismo, um credo, nem os marxistas como formalistas escolásticos. A teoria marxista-leninista é uma ciência do desenvolvimento da sociedade, ciência do movimento operário, ciência da revolução proletária, ciência da edificação da sociedade comunista. Enquanto ciência, ela não é nem pode ser imóvel, desenvolve-se e aperfeiçoa-se. É natural que no decurso do seu desenvolvimento se enriqueça com novas experiências, novos conhecimentos, e que algumas das suas teses e conclusões se alterem com o tempo e sejam substituídas por novas conclusões e teses que correspondam às novas condições históricas.

Dominar a teoria marxista-leninista não significa de modo algum decorar todas as suas fórmulas e conclusões e ficar preso a cada uma das suas palavras. Para dominar a teoria marxista-leninista é preciso, antes de mais, aprender a distinguir a letra da sua essência.

Dominar a teoria marxista-leninista significa assimilar a sua *essência* e aprender a utilizá-la na resolução dos problemas práticos do movimento revolucionário nas diferentes condições da luta de classe do proletariado.

Dominar a teoria marxista-leninista significa saber enriquecer esta teoria com a nova experiência do movimento revolucionário, saber enriquecê-la com novas teses e conclusões, saber *desenvolvê-la e fazê-la avançar*, partindo da essência da teoria, sem hesitar em substituir algumas das duas teses e conclusões já ultrapassadas por novas teses e conclusões que correspondam à nova situação histórica.

A teoria marxista-leninista não é um dogma mas um guia para a acção.

Até à segunda revolução russa (Fevereiro de 1917), os marxistas de todos os países partiam do pressuposto de que a república democrática parlamentar era a forma de organização política da sociedade mais apropriada ao período de transição do capitalismo para o socialismo. É verdade que Marx assinalou na década de 70 do século XIX que a forma mais apropriada da ditadura do proletariado não é a república parlamentar, mas uma organização política do tipo da Comuna de Paris. Todavia, esta indicação não foi infelizmente desenvolvida por Marx nas suas obras e foi votada ao esquecimento. Para além disso, a declaração autorizada de Engels na sua crítica ao

²⁴ *Sobre os Princípios do Leninismo, Conferências na Universidade de Sverdlov*, publicado no *Pravda*, Abril-Maio de 1924, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1947, Tomo 6, págs. 169-170. (*N do T.*)

projecto de programa de Erfurt, em 1891, de que «*a república democrática (...) é (...) a forma específica para a ditadura do proletariado*»,²⁵ não deixava dúvidas de que os marxistas continuavam a considerar a república democrática como a forma política da ditadura do proletariado. Esta tese de Engels tornou-se mais tarde um princípio orientador de todos os marxistas, incluindo Lénine. No entanto a revolução russa de 1905 e, particularmente, a revolução de Fevereiro de 1917, apresentaram uma nova forma de organização política da sociedade – os sovietes de deputados operários e camponeses. Tendo estudado a experiência das duas revoluções russas e partindo da teoria do marxismo, Lénine chegou à conclusão de que a melhor forma política da ditadura do proletariado não é a república democrática parlamentar, mas a República dos Sovietes. Baseando-se nesta conclusão, em Abril de 1917, no período de transição da revolução burguesa para a revolução socialista, Lénine lançou a palavra de ordem da organização da República dos Sovietes como a melhor forma política da ditadura do proletariado. Os oportunistas de todos os países agarraram-se à república parlamentar, acusando Lénine de se desviar do marxismo e de destruir a democracia. Mas o verdadeiro marxista, aquele que dominava a teoria do marxismo, era evidentemente Lénine e não os oportunistas, uma vez que Lénine fazia avançar a teoria marxista, enriquecendo-a com a nova experiência, enquanto os oportunistas a puxavam para trás e transformavam uma das suas teses num dogma.

Que teria acontecido ao nosso partido, à revolução proletária, ao marxismo, se Lénine se tivesse inclinado perante a letra do marxismo e não se decidisse a substituir uma das suas velhas teses, formulada por Engels, pela nova tese da República dos Sovietes, que correspondia à nova situação histórica? O partido teria errado nas trevas, os Sovietes teriam sido desorganizados, não teríamos hoje um Poder Soviético, e a teoria marxista teria sofrido um sério dano. O proletariado teria perdido e os seus inimigos vencido.

Estudando o capitalismo pré-imperialista, Engels e Marx chegaram à conclusão de que a revolução socialista não podia triunfar num só país em separado, de que ela só podia triunfar mediante um golpe simultâneo em todos ou na maioria dos países civilizados. Isto foi em meados do século XIX. Esta conclusão tornou-se mais tarde um princípio orientador para todos os marxistas. No entanto, em começos do século XX, o capitalismo pré-imperialista evoluiu para o capitalismo imperialista, o capitalismo ascendente converteu-se no capitalismo agonizante. Na base do estudo do capitalismo imperialista e partindo da teoria marxista, Lénine chegou à conclusão de que a velha fórmula de Engels e Marx já não correspondia à nova situação histórica e que a revolução socialista podia perfeitamente triunfar num só país em separado. Os oportunistas de todos os países agarraram-se à velha fórmula de Engels e Marx, acusando Lénine de desvio do marxismo. Mas o verdadeiro marxista, aquele que dominava a teoria do marxismo, era evidentemente Lénine e não os oportunistas, uma vez que Lénine fazia avançar a teoria marxista, enriquecendo-a com a nova experiência, enquanto os oportunistas a puxavam para trás e a transformavam numa múmia.

Que teria acontecido ao nosso partido, à revolução proletária, ao marxismo, se Lénine se tivesse inclinado perante a letra do marxismo, se não tivesse tido a coragem teórica necessária para rejeitar uma das velhas conclusões do marxismo, substituindo-a pela nova conclusão sobre a possibilidade da vitória do socialismo num só país em separado, conforme a nova situação histórica? O partido teria errado nas trevas, a revolução proletária teria ficado privada de direcção e a teoria marxista teria começado a definhar. O proletariado teria perdido e os seus inimigos vencido.

O oportunismo nem sempre significa a negação directa da teoria marxista ou de algumas das suas teses e conclusões. O oportunismo manifesta-se por vezes na tentativa de se aferrar a determinadas teses marxistas já caducas e de transformá-las em dogmas, para desta forma travar o desenvolvimento contínuo do marxismo e, conseqüentemente, travar o desenvolvimento do movimento revolucionário do proletariado.

²⁵ F. Engels, «Para a crítica do projecto de programa social-democrata de 1891», Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, 1985, Tomo III, pág. 485. (N. do T.)

Pode-se afirmar sem exagero que, após a morte de Engels, o grande teórico Lênine e, depois dele, Stáline e os outros discípulos de Lênine foram os únicos marxistas que desenvolveram a teoria marxista e a enriqueceram com a nova experiência, nas novas condições da luta de classes do proletariado.

E precisamente porque Lênine e os leninistas fizeram avançar a teoria marxista, o leninismo constitui o desenvolvimento subsequente do marxismo – o marxismo nas novas condições da luta de classes do proletariado, o marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias, o marxismo da época da vitória do socialismo num sexto da Terra.

O partido bolchevique não teria vencido em Outubro de 1917 se os seus quadros de vanguarda não dominassem a teoria do marxismo, se não tivessem aprendido a ver esta teoria como um guia para a acção, se não tivessem aprendido a fazer avançar a teoria marxista, enriquecendo-a com a nova experiência da luta de classes do proletariado.

Criticando os marxistas alemães da América do Norte, que tinham assumido a direcção do movimento operário norte-americano, Engels escreveu:

*«Os alemães não souberam fazer da sua teoria uma alavanca para pôr em movimento as massas norte-americanas. Na maioria dos casos, eles próprios não compreendem esta teoria e tratam-na de modo doutrinário e dogmático, considerando que é preciso decorá-la e que isso é suficiente para fazer face a qualquer situação. Para eles é um dogma e não um guia para a acção.»*²⁶

Criticando Kámenev e alguns velhos bolcheviques que, em Abril de 1917, se agarravam à velha fórmula da ditadura democrática revolucionária do proletariado e dos camponeses, num momento em que o movimento revolucionário já tinha ultrapassado esta fórmula e exigia a passagem à revolução socialista, Lênine escreveu:

*«"A nossa doutrina não é um dogma, mas um guia para a acção", disseram sempre Marx e Engels, zombando com razão com a aprendizagem de cor e a simples repetição de "fórmulas", capazes, no melhor dos casos, de apontar apenas tarefas gerais, necessariamente modificáveis pela situação económica e política concreta de cada fase particular do processo histórico (...) É necessário sublinhar a verdade indiscutível de que o marxismo deve ter em conta a vida viva, os factos precisos da realidade, e não continuar a agarrar-se a uma teoria de ontem.»*²⁷

3) A história do partido ensina-nos, seguidamente, que a vitória da revolução proletária é impossível sem a derrota dos partidos pequeno-burgueses, que actuam nas fileiras da classe operária, empurram as camadas atrasadas para os braços da burguesia e destroem, deste modo, a unidade da classe.

A história do nosso partido é a história da luta e da derrota dos partidos pequeno-burgueses: socialistas-revolucionários, mencheviques, anarquistas e nacionalistas. Sem a superação destes partidos e a sua expulsão das fileiras do proletariado não teria sido possível alcançar a unidade da classe operária, e sem a unidade da classe operária não teria sido possível alcançar a vitória da revolução proletária.

Sem a derrocada destes partidos, que inicialmente eram a favor da manutenção do capitalismo e, mais tarde, depois da Revolução de Outubro, defendiam a sua restauração, teria sido impossível salvar a ditadura do proletariado, vencer a intervenção militar estrangeira e edificar o socialismo.

Não se pode considerar uma casualidade o facto de todos os partidos pequeno-burgueses, que para enganar o povo se intitulavam «revolucionários» e «socialistas» – socialistas-revolucionários, mencheviques, anarquistas e nacionalistas – se terem tornado partidos contra-revolucionários logo na véspera da Revolução Socialista de Outubro e, posteriormente, agentes dos serviços de

²⁶ F. Engels, «Carta a Friedrich Adolpg Sorge», 29 de Novembro de 1886, K. Marx e F. Engels, *Obras*, ed. cit. Moscovo, 1964, Tomo 36, pág. 488. (*N. do T.*)

²⁷ *Cartas Sobre a Tática*, «Carta I, Apreciação do Momento», publicada no *Pravda* n.º28, 9 de Abril de 1917, V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., Lisboa, 1986, Tomo 3, págs. 121 e 123. (*N. do T.*)

espionagem estrangeiros, num bando de espões, sabotadores, agentes diversionistas, assassinos e traidores da pátria.

«*Na época da revolução social*» – afirmou Lênine – «*a unidade do proletariado só pode ser realizada pelo partido revolucionário extremo do marxismo, só por meio de uma luta implacável contra todos os outros partidos.*»²⁸

4) A história do partido ensina-nos, seguidamente, que sem uma luta intransigente contra os oportunistas dentro das suas próprias fileiras, sem a derrota dos capitulacionistas no seu próprio meio, o partido da classe operária não pode salvaguardar a unidade e a disciplina das suas fileiras, não pode cumprir o seu papel de organizador e dirigente da revolução proletária, não pode cumprir o seu papel de construtor da nova sociedade socialista.

A história do desenvolvimento da vida interna do nosso partido é a história da luta e da derrota dos grupos oportunistas no seu interior – «economistas», mencheviques, trotskistas, bukharinistas e desviacionistas nacionalistas.

A história do partido mostra-nos que todos estes grupos capitulacionistas eram, na sua essência, agentes do menchevismo dentro do partido, os seus sequazes, o seu prolongamento. Tal como o menchevismo desempenharam o papel de portadores da influência burguesa na classe operária e no partido. Por isso a luta pela liquidação destes grupos no partido foi a continuação da luta pela liquidação do menchevismo.

Se não tivéssemos derrotado os «economistas» e os mencheviques, não teríamos podido criar as condições necessárias para edificar o partido e conduzir a classe operária para a revolução proletária.

Se não tivéssemos derrotado os trotskistas e bukharinistas, não teríamos podido criar as condições necessárias para a edificação do socialismo.

Se não tivéssemos derrotado desviacionistas nacionalistas de todos os matizes, não teríamos podido educar o povo no espírito do internacionalismo, não teríamos podido defender a bandeira da grande amizade dos povos da URSS, não teríamos podido edificar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Pode parecer que os bolcheviques dedicaram demasiado tempo à luta contra os elementos oportunistas dentro do partido, que exageraram a sua importância. Mas isso é totalmente errado. Não se pode tolerar o oportunismo no seio do partido, da mesma forma que não se pode tolerar uma chaga num organismo são. O partido é o destacamento dirigente da classe operária, a sua fortaleza avançada, o seu estado-maior de combate. Não se pode permitir que no estado-maior dirigente da classe operária estejam cépticos, oportunistas, capitulacionistas e traidores. Travar uma luta de vida ou de morte contra a burguesia com capitulacionistas e traidores no seu próprio estado-maior, na sua própria fortaleza, significa cair na situação de quem se vê alvejado pela frente e pela retaguarda. É fácil de compreender que, em tais condições, a luta só pode terminar com uma derrota. É do interior que se tomam mais facilmente as fortalezas. Para alcançar a vitória é preciso, antes de tudo, depurar o partido da classe operária, o seu estado-maior dirigente, a sua fortaleza avançada, dos capitulacionistas, desertores, dos fura-greves, dos traidores.

Não se pode considerar uma casualidade o facto de os trotskistas, os bukharinistas, os desviacionistas nacionalistas, na sua luta contra Lênine e contra o partido, terem acabado da mesma forma como acabaram os partidos menchevique e socialista-revolucionário, convertendo-se em agentes da espionagem fascista, em espões, sabotadores, assassinos, agentes diversionistas, traidores da pátria.

«*Tendo nas suas fileiras, reformistas, mencheviques*» – afirmou Lênine – «*não é possível vencer na revolução proletária, não é possível defendê-la. Isto é um princípio evidente. Isto é claramente confirmado pela experiência da Rússia e da Hungria (...) Na Rússia houve muitas situações difíceis, nas quais, certamente, o regime soviético teria sido derrubado se os*

²⁸ «Discurso de encerramento sobre o relatório do Comité Executivo Central e do Conselho de Comissários do Povo sobre a política interna e externa, no VIII Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia», 23 Dezembro de 1920, V.I. Lênine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1970, Tomo 42, pág. 173. (N. do T.)

*mencheviques, reformistas, democratas pequeno-burgueses tivessem permanecido no nosso partido».*²⁹

«*Se o nosso partido*» – afirmou o camarada Stáline – «*conseguiu criar uma unidade interna e uma coesão sem precedentes no seu seio foi porque, antes de tudo, conseguiu depurar-se a tempo do oportunismo, conseguiu expulsar os liquidacionistas e os mencheviques. O desenvolvimento e reforço dos partidos proletários passa pela sua depuração dos oportunistas e reformistas, dos sociais-imperialistas e sociais-chauvinistas, sociais-patriotas e sociais-pacifistas. O partido reforça-se depurando-se dos elementos oportunistas.*»³⁰

5) A história do partido ensina-nos, seguidamente, que o partido não pode cumprir o seu papel de dirigente da classe operária se, entusiasmando-se com os êxitos, cair na presunção, deixar de assinalar as deficiências do seu trabalho, se recear reconhecer os seus erros, se recear corrigi-los na devida altura de forma aberta e honesta.

O partido é invencível se não recear a crítica e a autocrítica, se não escamotear os erros e deficiências do seu trabalho, se formar e educar os quadros mostrando-lhes os seus erros, e se souber corrigir os seus erros a tempo.

O partido definhará se esconder os seus erros, se disfarçar os seus pontos fracos, se encobrir as suas falhas com falsas exibições de prosperidade, se não tolerar a crítica e a autocrítica, e se deixar embeber pelo sentimento de auto-suficiência e de auto-admiração e começar a dormir sobre os louros.

«*A atitude de um partido político perante os seus erros*» – assinalou Lénine – «*é um dos critérios mais importantes e mais seguros da seriedade do partido e do cumprimento de facto por ele das suas obrigações para com a sua classe e para com as massas trabalhadoras. Reconhecer abertamente o erro, pôr a descoberto as suas causas, analisar a situação que o engendrou e discutir atentamente os meios de corrigir o erro – isto é o indício de um partido sério, isto é o cumprimento por ele das suas obrigações, isto é educar e instruir a classe, e depois também as massas*».³¹

E mais adiante:

«*Todos os partidos revolucionários que até agora naufragaram – naufragaram por se terem enchido de presunção e por não saberem ver em que consistia a sua força e recearem falar das suas fraquezas. Mas nós não naufragaremos porque não receamos falar das nossas fraquezas e aprendemos a superar a fraqueza.*»³²

6) Finalmente, a história do partido ensina-nos que sem uma ampla ligação às massas, sem o reforço permanente desta ligação, sem a capacidade para ouvir a voz das massas e compreender as suas necessidades mais prementes, sem a disponibilidade não só para ensinar as massas, mas também para aprender com elas, o partido da classe operária não pode ser um verdadeiro partido de massas, capaz de levar atrás de si as massas de milhões da classe operária e de todos os trabalhadores.

O partido é invencível se souber – como afirmou Lénine – «*ligar-se, aproximar-se e, se quiserdes, fundir-se até certo ponto com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de mais com as massas proletárias, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias.*»³³

O partido naufragará se se fechar na sua estreita concha partidária, se se desligar das massas, se se cobrir com uma capa burocrática.

²⁹ «Sobre a luta no interior do Partido Socialista Italiano», publicado no *Pravda*, n.º 250, de 7 de Novembro de 1920, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1981, Tomo 41, pág. 416. (*N. do T.*)

³⁰ *Sobre os Princípios do Leninismo*, idem, ibidem, pág. 185. (*N. do T.*)

³¹ *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., Lisboa, 1986, Tomo 5, pág. 118. (*N. do T.*)

³² «Discurso de encerramento sobre o relatório político do CC ao XI Congresso do PCR(b)», 28 de Março de 1922, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1970, Tomo 45, pág. 118 (*N. do T.*)

³³ *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*, idem, ibidem, pág. 90. (*N. do T.*)

«Pode-se considerar como regra» – afirmou o camarada Stáline – «que os bolcheviques serão invencíveis enquanto mantiverem a ligação com as amplas massas do povo. E, inversamente, assim que se separarem das massas e romperem a ligação com elas, assim que se cobrirem da ferrugem burocrática perderão toda a sua força e transformar-se-ão numa nulidade.

Na mitologia dos gregos da antiguidade havia um herói célebre, Anteu, que era, segundo a lenda, filho de Poseidon, deus dos mares, e de Gea, deusa da terra. Ele gostava muito da sua mãe, que o tinha dado à luz, criado e educado. Não havia herói que Anteu não tivesse vencido. Considerava-se um herói invencível. De onde lhe vinha a força? Sempre que se sentia em dificuldades no combate com o adversário tocava na terra, a sua mãe, que o fizera nascer e o criara, e ganhava novas forças. Mas Anteu tinha, no entanto, um ponto fraco – o perigo de se ver separado da terra. Os seus inimigos conheciam esta sua fraqueza e espreitavam-no. E eis que apareceu um inimigo que se aproveitou desta fraqueza e o venceu. Foi Hércules. Mas como o venceu? Arrancou-o da terra e levantou-o no ar, impedindo-o de tocar a terra, e, deste modo, asfixiou-o no ar.

Penso que os bolcheviques se parecem com Anteu, o herói da mitologia grega. Eles, tal como Anteu, são fortes porque mantêm a ligação com a sua mãe, as massas, que os geraram, criaram e educaram. E enquanto mantiverem a ligação com a sua mãe, o povo, têm todas as possibilidades de continuarem invencíveis.

Nisto está a chave da invencibilidade da direcção bolchevique.»³⁴

Estas são as principais lições do caminho histórico percorrido pelo partido bolchevique.

³⁴ «Discurso de encerramento no Plenário do CC do PCU(b)», 5 de Março de 1937, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1997, Tomo 14, págs. 184-185. (*N. do T.*)